

A METACOMUNICAÇÃO NA ATIVIDADE DISCURSIVA DIALOGADA

Dóris de Arruda C. da Cunha
UFPE

1. Introdução

A atividade discursiva dialogada pode ser estudada de pontos de vista muito diferentes, sendo a Análise da Conversação um deles. Como minha formação teórica não foi anglo-saxônica, meus trabalhos apresentam filiação teórica e objetivos diferentes daqueles inicialmente propostos pelos conversacionalistas americanos. Por isso, na primeira parte, vou apresentar o quadro geral em que se inscreve esse artigo, fazendo um percurso sobre algumas noções fundamentais - diálogo, produção de sentido, sujeito, metacomunicação. Na segunda, vou analisar o início de um diálogo do NURC (tipo D2), enfatizando a metacomunicação.

2. O quadro interpretativo

A Análise da Conversação se preocupou inicialmente com as regras que regem a conversação e com a sua organização estrutural. Em seguida, o tópico e alguns fenômenos típicos do oral espontâneo foram amplamente analisados: hesitações, repetições, correções, sobreposições, marcadores conversacionais, etc. Outros se dedicaram ao estudo da coesão e da coerência do texto conversacional. Posteriormente, houve uma grande produção de investigações sobre a polidez e outros aspectos relativos à relação interpessoal, que se constrói na e pela interação verbal.

Pode-se constatar, ao longo dos últimos 20 anos, uma multiplicidade de quadros teóricos na base das diversas correntes interacionistas, articulados a diferentes disciplinas: psiquiatria, psicologia interacionista, psicologia social; micro-sociologia, sociologia da linguagem, sociolinguística; lingüística, dialetologia urbana; filosofia da linguagem; antropologia, etnografia da comunicação, etnometodologia (Kerbrat-Orecchioni, 1990). Essa diversidade reflete uma igual multiplicidade metodológica.

Nesse contexto, torna-se difícil etiquetar as abordagens que não estão articuladas de forma mais direta a uma dessas disciplinas, como por exemplo, à sociologia da linguagem (de Sacks, Schegloff, Goffman, Gumperz, Brown e Yule, etc.), à etnografia da fala (de Hymes), ou à etnometodologia (de Garfinkel, Gumperz).

Meu trabalho se situa numa semiologia discursiva, como define Salazar-Orvig (1999) com base sobretudo nas proposições teóricas de François (1993a, 1993b, 1994, 1998), que considera os discursos como acontecimentos, produzidos em uma enunciação dialógica única, como respostas de locutores confrontados a necessidades de comunicação específicas. São acontecimentos uma vez que constituem lugares de criação de sentido. A referência a Bakhtin aqui é obrigatória, uma vez que toda a sua teoria se baseia no caráter dialógico da linguagem, e, por conseguinte, de cada enunciado de qualquer gênero discursivo.

Nessa perspectiva, que François (1993a: 89) define como uma *lingüística da circulação dos discursos*, privilegia-se o funcionamento de discursos particulares, o que se passa nas interações mais banais, diferentemente, por exemplo, da Análise do Discurso Francesa que

se interessa apenas pelos discursos representativos de uma formação discursiva. A lingüística da circulação dos discursos proposta por François dá ênfase a algumas noções básicas, que serão brevemente resumidas a seguir:

a) a noção de linguagem, que é o objeto de estudo e se caracteriza pela diversidade, em oposição à língua estudada pela lingüística estrutural. Diversidade que se manifesta “na multiplicidade de semiologias, dos modos de significar nos quais a linguagem se manifesta” (François, 1993a, XVIII).

b) diálogo e sentido: há uma relação inextrincável entre eles. Como bem mostrou Bakhtin (1995:132), o sentido não está na palavra, nem na alma dos interlocutores, mas é “o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*”. Nesse sentido, considera-se o enunciado-resposta como a unidade de base, e privilegiam-se os *movimentos discursivos* na análise: movimentos do autor dentro do próprio texto, (mesmo quando não há um interlocutor real e imediato, o autor age no espaço discursivo de múltiplas formas: como planificador, receptor, crítico, etc. (François, 1994:101); movimentos do autor relativos ao discurso do outro, que revelam o tipo de relação que se constitui no curso da interação – *paralela (ou simétrica) e complementar* (Bateson, apud Watzlawick et al., 1989).

A ênfase nos movimentos discursivos significa que se procura dar conta da dinâmica do trabalho com a linguagem, e dos diferentes modos como os locutores se posicionam com relação ao mundo, ao outro, a ele mesmo, ao próprio discurso (François, 1994). Essa relação entre diálogo e significação remete a três outras noções:

c) sujeito

Se a lingüística saussuriana excluiu o sujeito, as abordagens pragmáticas e discursivas o reintroduzem, a partir dos anos 70, ao mesmo tempo que questionam seu estatuto, sua unicidade e conseqüentemente o caráter transparente dos discursos. Enquanto para as primeiras, o sujeito teria o controle sobre o seu discurso, para alguns analistas do discurso de linha francesa, ele seria assujeitado. Para a Análise do Discurso Francesa o que está em jogo é a própria definição de sujeito, não enquanto indivíduo, mas como problemáticas históricas, políticas e sociais; os avatares de uma produção discursiva particular não são pertinentes.

Direi com Salazar-Orvig (1999: 26), em primeiro lugar que “o sujeito é heterogêneo na sua dimensão enunciativa e nas diferentes formas que ele se dá a ver na constituição mesma do discurso”. Na concepção dialógica de linguagem, o sujeito é concebido “numa dupla tensão, a da dimensão social e a da dimensão individual por um lado; e a dos dialogismos por outro lado” (Salazar-Orvig, 1999: 27). Portanto, nem assujeitado, nem com o ilusório domínio do sentido produzido.

Consideramos com François (1993a) a elaboração discursiva como um processo de retomada-modificação, de inscrição num fundo social e cultural e re-criação, e o sujeito como genérico e fruto de uma história particular. A enunciação é assim construção discursiva com e em função do outro.

d) opacidade

Como foi visto no item anterior, a mudança na concepção de sujeito levou a uma reconcepção do caráter transparente da linguagem. É evidente que quando se fala da opacidade, não se quer dizer que não há intercompreensão. Pode-se constatar a opacidade

da linguagem nas mais diversas situações de interação, em que os interlocutores são levados freqüentemente a precisar o sentido de um termo, retomar o próprio discurso de outra forma para que seja entendido de um determinado modo, por meio de enunciados metadiscursivos. Por outro lado, apesar de se poder fazer apelo a esses enunciados *meta*, não há metadiscorso total (François, 1994). Não há metadiscorso total para dizer, por exemplo, o sentido da dor, ou de “estou com saudade”. Isso me leva ao segundo ponto desse artigo: a metacomunicação.

3. O conceito de metacomunicação

A partir do final dos anos 70, muitos lingüistas se dedicaram ao estudo dessa propriedade fundamental da linguagem que é auto-reflexividade, de modo que temos hoje na literatura uma grande diversidade terminológica, que reflete diferentes perspectivas teóricas: metalingüístico (em Jakobson, 1963; Rey-Debove, 1997); metadiscorso (em Borillo, 1985; Jubran, 1999; Risso, 1999); metacomunicação (em Gaulmyn, 1987; Watzlawick, 1989); metalinguagem (François); metaenunciação (em Authier-Revuz, 1992, Possenti, 1999, Cunha, 1999, Morato, 1999). A maioria desses trabalhos analisam a metalinguagem explícita, em diferentes gêneros discursivos.

Apesar da relevância inegável desses estudos, François (1994) aponta para a importância da metalinguagem implícita na produção dos sentidos. Trata-se de tudo que um texto revela sobre ele mesmo, e que faz com que se perceba se uma narrativa é de ficção ou não, por exemplo. O autor menciona a ausência de modalização, que faz com que um texto seja interpretado como um discurso de autoridade; parênteses, retificações, formas metalingüísticas integradas, movimentos de apresentação ou de retorno sobre si, para se recolocar em um dado contexto, se apresentar como um texto fiel a uma doutrina, ou contra ela. A metalinguagem implícita diz respeito, portanto, a tudo que faz com que um texto funcione como comentário dele mesmo (François, 1994).

Os encadeamentos entre os enunciados “que constitui também um comentário do que o outro ou o próprio falante acaba de dizer” (François, 1993a:74). Assim, repetir o enunciado do interlocutor significa o mais das vezes alguma coisa como “você disse isso mesmo” ou “o que é que isso que dizer”? François (1993b:74) inclui ainda entre os elementos metadiscursivos implícitos o corpo que, nas interações face a face, “diz alguma coisa sobre suas próprias mensagens”. Lembra o papel do olhar do outro que nos informa que este outro não entendeu, que se interessa pelo que dizemos ou ao contrário que não está mais querendo nos ouvir.

Essa noção de metacomunicação se encontra também nos trabalhos dos pesquisadores de Palo Alto, para os quais todo comportamento, e não apenas o discurso, é comunicação, e toda comunicação afeta o comportamento. O fato de um passageiro no avião não falar, permanecer de olhos fechados ou lendo o jornal, por exemplo, comunica. Em outras palavras, os comportamentos verbal e não verbal funcionam como metalinguagem. Vale lembrar que embora visem em primeiro lugar ao patológico, aplicando modelos lógicos e cibernéticos à comunicação familiar, Watzlawick et al.(1989) defendem que todo comportamento normal tem valor de metamensagem.

Tendo estudado as formas explícitas de metalinguagem (Cunha, 1999a e 1999b) e buscando melhor compreender essa propriedade da linguagem, ampliei o quadro interpretativo para analisar a metalinguagem implícita, fenômeno pouco explorado pelos que se debruçaram sobre a atividade *meta*.

4. Análise do corpus

De acordo com a fundamentação teórica, a análise será linear, seguindo o desenrolar da produção discursiva passo a passo, olhando de perto os movimentos dos falantes, os encadeamentos intra e inter turno, que revelam as posições dos sujeitos no curso da interação. Vejamos o que acontece no início do diálogo 266 do NURC-Recife¹.

- 1 Doc - poderíamos começar... fazendo assim pra vocês uma...
 2 colocação assim de como é que começa a vida... de uma pessoa
 3 L1 - bem... eu tenho a impressão que a vida começa logo
 4 quando há o:: vamos dizer ((ri)) há:: o:: a junção
 5 carnal né?... quando há o mesmo ato o ato sexual [para
 6 L2 - [eu [agora eu
 7 tenho a impressão que a vida começa de fato... quando o
 8 óvulo... É fecundado [... certo? porque pra que isso
 9 L1 - [justamente aPÓS exatamente após
 10 L2 - aconteça precisa haver a conjunção carnal... entendeu?
 11 aí vamos admitir tanto que a igreja... ah:: é contra o aborto
 12 exatamente porque... éh já considera uma vida...
 13 é o início é o quilômetro zero... da vida né? É o momento
 14 que parte
 15 L1 - a igreja permite [evitar filho
 16 L2 - [aí nada mais é do que a evolução...
 17 L1 - [hum
 18 L2 - evolução... intra-útero e depois a evolução a evolução
 19 extra-uterina certo?... que começa com o nascimento...
 20 termina a fase embrionária e:: vai até o nascimento
 21 quando chega o nascimento começa então a vida... éh extra
 22 uterina que é exatamente... o: dia que o indivíduo nasce
 23 que a pessoa nasce que começa a respirar... certo? é o dia
 24 que a criança... começa a respirar é o momento... [e::...
 25 L1 - [hum
 26 L2 - porque enquanto está na vida:: na vida intra-uterina...
 27 ela tem a circulação: embora com sangue por vezes
 28 diferente... mas tem a áh:: ... circulação...
 29 relativamente dependente e sem a respiração... depois que
 30 nasce então é que há o início há o início da evolução
 31 dos processos vitais de vida intra Extra uterina

Após a solicitação da documentadora (Doc), L1 inicia o diálogo (linha 3) com um marcador típico de abertura de turno (*bem*), um modalizador (*eu tenho a impressão*), e elementos meta explícitos (*vamos dizer*) e implícitos (o riso e as hesitações que o seguem *há:: o: a*). Esse conjunto funciona como uma metacomunicação, uma vez que revela, além do conteúdo relativo ao tema do inquérito (o início da vida), a dificuldade no processo da produção discursiva (Gülich, 1994). É interessante observar que L1 toma a iniciativa de começar o diálogo, o que o coloca numa posição enunciativa de quem pode e sabe falar. No entanto, esse lugar vai ser assumido por L2.

¹ Trata-se de um diálogo entre dois dentistas, que se conheciam antes da gravação, não só por serem colegas de profissão, mas por terem estudado no mesmo colégio.

A primeira entrada de L2 no diálogo (linha 6) é com um movimento de discordância, embora ele faça um enunciado paralelo ao de L1 (*eu tenho a impressão que a vida começa*). A discordância se manifesta no encadeamento com o marcador de oposição *agora*, e o modalizador *de fato*.

Na linha 9, observa-se um movimento de concordância de L1, antes mesmo que L2 termine o turno. A partir da linha 10, L2 desenvolve o tópico, com argumentos para o seu ponto de vista (linha 11), seguidos de um movimento explicativo sobre a evolução da fecundação até o nascimento (linhas 18 a 31). Esse movimento é marcado por repetições e retomadas que funcionam como metacomunicação, denunciando também problemas na produção discursiva.

As posições enunciativas que se estabelecem a partir da primeira intervenção de L2 se estabilizam nesse início de diálogo: como L2 corrige a fala de L1, ele passa a ocupar o lugar de quem deve falar alguma coisa sobre o tópico proposto pela documentadora. Isso ocorre sobretudo porque L1 introduz deslocamentos tópicos, como mostram as linhas 15 e 32 a seguir:

- 32 mas você falou em igreja a igreja... não permite
 33 aborto permite a... evitar filhos mas não com... a
 34 a pílula agora que eles estão contra né? (l. 32-34)

Note-se que o encadeamento da linha 32, marcado pelo *mas*, indica posições enunciativas diferentes: L2 quer falar do tópico origem da vida e L1 da posição da igreja em relação ao aborto e aos métodos anticoncepcionais. Vemos aqui o papel metacomunicativo dos encadeamentos. A tomada de turno por L1 com o *mas* vai ser recorrente nesse primeiro momento do diálogo (linhas 38 59, 80, 104, 111, 114, 127, 143). O encadeamento de L2 na linha 35 reforça as diferenças de posição: L1 quer falar da igreja e L2 do tema (início da vida), fazendo um deslocamento tópico para os métodos anticoncepcionais, apesar de mostrar através de comentários metadiscursivos explícitos (linhas 37-39 e 45-48) dificuldades em relação ao assunto:

- 35 L2 - é não pelo seguinte [porque
 36 L1 - [permite com aquele calendário
 37 - é com o calendário... efetivamente eu não entendo bem
 38 essa parte porque eu sou pouco religioso... e:
 39 penetro pouco no âmago da questão... mas: acontece que
 /.../
 45 dizem que: ah:: não entendo bem fo foge um tanto do meu
 46 assunto mas pelo o que a gente ouve pelo que a gente
 47 vê... a gente encontra o fato... éh:: da pílula éh:: ser
 48 aquilo que se chama de a- no- vu- la- tó- rio

Através desses comentários meta, L2 quer preservar a imagem de alguém que ignora *apenas* esse assunto específico, religião, e, por conseguinte, conhece os demais, os que não são objeto de comentários metadiscursivos.

A continuidade do diálogo mostra, como postulam Watzlawick et al., que há nas interações padrões de comportamento que funcionam como metacomunicação. Vejamos a sequência do diálogo:

- 49 L1 - então ela evita L
 50 L2 - é evi: ta
 51 L1 - evita a formação de óvulos
 52 L2 - a formação... do ovo fecundado talvez não é? Se
 53 não me falha a memória porque nem to:dos...
 54 [são fecundados não é?
 55 L1 - [nem todos são... eles são escolhidos
 56 L2 - há um número determinado dentro de um sem número que
 57 acontece na vida.. éh:: que não são... éh:: capazes
 58 de fecundar... não é?
 59 L1- mas é de qualquer maneira é uma maneira de evitar
 60 o filho eu tenho a impressão que a igreja [NÃO NÃO devia
 61 L2 - [é uma maneira
 62 L1 - [proibir isso mas no entanto tão proibindo
 63 L2 - [é eu tenho a impressão... é o caso de gente ir a
 64 Shakespeare... to be [or not to be
 65 L1- [to be or not to be

Da linha 49 a 64, L2 continua a explicar como a pílula age como anticoncepcional apesar de L1 tentar, sem sucesso, reintroduzir o tópico posição da igreja. L2 percebe as tentativas do interlocutor, mas continua recusando o tópico “posição da igreja” e faz um outro deslocamento temático nas linhas 63 e 64. Vemos aqui o papel d metalinguagem implícita: L2 comunica que não quer falar sobre igreja e o tema de fato não é desenvolvido apesar da insistência de L1. Isso ocorre porque L2 domina o espaço discursivo, ocupa uma posição alta nessa interação.

A análise desse pequeno fragmento de diálogo permite ainda observar:

- a) o processo de produção discursiva, a busca de termos, da construção sintática, do registro estilístico adequados (4-5; 47-48;), assim como o modo fundamental de desenvolvimento do diálogo, que é através de deslocamentos tópicos, como observam os próprios interlocutores nesses enunciados metacomunicativos explícitos:

- 148 L2 - mas a gente tava conversando sobre o quê? sobre
 149 família não?
 150 L1 - sobre família [é o tal negócio
 151 L2 - [sobre família
 152 L1 - vai vai derivando o assunto [mesmo

- b) imagens dos falantes no metadiscurso explícito (37-39; 96-97)

- 96 L2 - a gente DEve por uma questão de religião que eu acho
 97 muito nobre muito bonita etecétera etecétera aceito
 98 tudo... não é? mas aceito a minha maneira... eu não posso
 99 me conformar... que a gente por uma questão de religião
 100 que como disse é uma coisa muito importante a gente vá

- c) a opacidade da língua:

- 77 L1 - éh: o ato de abortar é um assassinato quer dizer o
 78 aborto provocado

Para encerrar, eu diria que essa breve análise comprova a pertinência da análise dos encadeamentos para desvelar a dinâmica da interação; e a análise da metalinguagem implícita, ou metacomunicação para a interpretação dos sentidos no diálogo, uma vez que ela mostra as “regras” que se estabelecem em cada interação e as posições ocupadas pelos interlocutores ao longo da interação.

BIBLIOGRAFIA

- Authier-Revuz, J. (1992) *Les non-coïncidences du dire et leur représentation méta-énonciative*. Thèse de Doctorat d'Etat. Paris VIII.
- Bakhtin, M. /Volochinov, V. N. (1995) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. São Paulo, Ed. Hucitec (1ª edição, 1929).
- Borillo, A. (1985) “Discours ou metadiscours? In *DRLAV*, 32. p. 47-61.
- Cunha, D. de A. C. da (1999a) “Formas metaenunciativas na fala e na escrita”. In Barros, K. (org.) *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal, Ed. da UFRN, p. 45-51.
- Cunha, D. de A. C. da (1999b) “A metaenunciação na atividade discursiva falada e escrita” In Moura, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL.
- François, F. (1998) *Le discours et ses entours – essai sur l'interprétation*. Paris, l'Harmattan.
- François, F. (1994) “Metalangage, folie, interprétation. Quelques remarques sur Perceval le fou, autobiographie d'un schizophrène”. In *Calap*, 12, p. 99 –122.
- François, F. (1993a) *Pratiques de l'oral*. Paris, Nathan.
- François, F. (1993b) “Oral et écrit: affinités, contradictions, interaction”. In *Les entretiens nathan – Parole, écrit, image*. Paris, Nathan, p. 69-85.
- Gaulmyn, M.-M. de (1987) “Reformulation et planification metadiscursives”. In Cosnier, J. et Kerbrat-Orecchioni, C. (org.) *Décrire la conversation*. Collection Linguistique et Sémiologie, PUL.
- Gülich, E. (1994) “Commentaires métadiscursifs et ‘mise en scène’ de l'élaboration du discours”. In *Calap*, 12, 29-51.
- Kerbrat-Orecchioni (1990) *Les interactions verbales*, t. I. Paris, A. Colin.
- Jakobson, R. (1963) *Essais de linguistique générale*. Paris, Editions de Minuit.
- Jubran, C. (1999) “A metadiscursividade como recurso textual interativo em entrevista televisiva”. In Barros, K. (org.) *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal, Ed. da UFRN, p. 9-19.
- Morel, M. A. (1985) “Etude de quelques realisations de la fonction metadiscursive dans un corpus d'échanges oraux”. In *DRLAV* 32, p. 93-116.
- Rey-Debove, J. (1997) *Le metalangage*. 2ª ed. Paris, Armand Colin.
- Risso, M. S. (1999) “A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso” In Barros, K. (org.) *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal, Ed. da UFRN, p. 203-214.
- Salazar-Orvig, A. (1999) *Les mouvements du discours – style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques*. Paris, l'Harmattan.
- Watzlawick, P., Beavin, J., e Jackson, D. (s/d) *Pragmática da comunicação humana – um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo, Cultrix, (1ª ed. 1967).